10000 pessoas e que em varios pontos da Provincia se tem desenvolvido e feito victimas uma molestia da maior gravidade, cujos symptomas são mui semelhantes aos do beriberi; começando por inchação dos pés em uns, precedida em outros de dormencia e dores, vae o mal se extendendo por todo o corpo e terminando fatalmente pela asphyxia.

Accentuando-se de dia a dia os effeitos da secca e com elles o soffrer cruciante da multidão desvalida, em Dezembro a população adventicia em Fortaleza já era superior a 80000, isto é, mais do quadruplo da sua população normal (19000); em Aracaty montava a 30000; grandes aglomerações envenenavam o ambiente de Baturité, Pacatuba e Granja; população deslocada 160000; na fuga precipitada muitos deixavam a carcassa pelas estradas e caminhos; por toda parte actos de desespero, scenas de desolação.

Em todo o anno o pluviometro recolhera em Fortaleza 469^{mm} e o cemiterio tragara 2665 cadaveres, assim distribuidos: Janeiro 63; Fevereiro 75; Março 77; Abril 93; Maio 92; Junho 86; Julho 75; Agosto 118; Setembro 191; Outubro 307; Novembro 480 e Dezembro 1008.

Tinham contribuido para a cifra inaudita principalmente as febres biliosas, a dysenteria e a anazarca, ultima expressão da anemia e discrasia do sangue e tambem resultado da ingestão da mucunã e de outros vegetaes venenosos a que a fome forçava os desventurados, exgottados os recursos de toda especie.

Durante 1877 despendera o Governo 2426 contos e a caridade particular 287; serviram para alguma cousa— prolongar os soffrimentos aos que a morte ia poupando.

Entrou o anno de 1878 e com elle entraram a crescer ao infinito as angustias do infeliz povo cearense. Morria-se de fome, *puramente de fome* nas ruas das cidades, pelas estradas: «Depois de alimentar-se de raizes silvestres (especialmente da mucunã), de algumas especie de cactus (chique-chique, mandacaru) e bromelias (coroatá, macambira), do palmito da carnauba e de outras palmeiras, das amendoas e entrecasca dos cocos, o faminto pas-

sara a comer as carnes mais repugnantes, como a dos cães, a dos abutres e corvos, e a dos reptis. Si bem que raros deram-se casos de antropophagia; e por cumulo de horror, ainda houve não sei si diga um perverso, si um infeliz que procurou no municipio de Lavras vender, ou trocar por farinha, um resto de carne humana de que se alimentava. Alguns cadaveres foram encontrados que conservavam nos membros semi-devorados os signaes do extremo desespero das victimas da fome» (Relatorio do presidente José Julio).

Dizer o que foram esses 12 longos e terribilissimos mezes doe fundo e repugna á penna mais indifferente.

Eu fui testemunha de mil quadros de dôr e angustia sobrehumanas de uma população inteira a braços com o maior flagello que regista a historia moderna, e ainda hoje, tantos annos já passados, se me confrange a alma ao recordal-os, e toquei tanto mais de perto essas dores e soffrimentos pois que fui o medico dos retirantes que affluiram para Maranguape, coube-me a pesada e triste commissão de prestar soccorros medicos aos abarracamentos de Tijubana e do Alto da Pimenta, o celebre abarracamento do Alto da Pimenta, e de ser posteriormente o Fiscal por parte do Governo no Hospital de Misericordia.

Enviado para o Alto da Pimenta, encontrei nelle 20470 retirados, dos quaes 5681 atacados de variola ou soffrendo de suas consequencias! E eu era o unico medico para toda essa multidão!

Quando em Maranguape, tive occasião de verificar alem das molestias communs á quadra diversos casos de hemeralopia, tão impressionadores daquella pobre gente, mormente das creanças. Outros casos observei ainda no abarracamento de Pacatuba e sobre uns e outros, em numero de 60, escrevi uma Memoria, que apresentei ao Governo. A ella se refere o presidente José Julio em seu Relatorio de 1 de Novembro de 1878.

Um tratamento energicamente tonificante fazia desapparecer a singular affecção visual; a medicação popular empregada contra ella, e que surtia effeito, era a in-

stillação nos olhos da salmoura do figado do boi ou carneiro levado ao fogo.

Gubler nos seus *Commentarios ao Codex* cita o emprego do fel do boi contra a hemeralopia.

Em Acarahu tambem foram observados casos da cegueira nocturna.

Poder-se-á julgar ao certo o que era o Ceará de 1878 sob o ponto de vista da hygiene, das molestias e da mortalidade? Impossivel. Onde a hygiene com a pavorosa agglomeração dos que a desgraça feria? Onde a hygiene, si 300000 emigrados se agrupavam nas cidades e villas do littoral, apinhados sob as arvores, em choças miserrimas ou em immundos abarracamentos? Que resistencia poderiam offerecer ás enfermidades organismos extenuados pela fome e sede, e por todas as dores moraes? Febres de differentes typos, o beriberi, a anazarca ceifavam os pobres retirantes; os abarracamentos se convertiam aos poucos em hospitaes; Fortaleza, o derradeiro marco na via dolorosa, era como uma necropole, e sobre ella, e sobre todos, miseraveis e mal remediados, porquanto já não havia ricos e sim irmãos e socios de infortunio, vinha afinal extender seu manto de horror a variola, a inesquecivel epidemia de variola.

Era o remate á obra da febre biliosa, que, cançada de laborar entre os retirados, roubava ao Ceará homens como Antonio Mendes, Antonio Mamede e Symphronio de Souza, do beriberi que tantas vidas ceifou em Fortaleza, e entre ellas Rocha Lima, em Aracaty e Sobral onde matava em poucos dias, da anazarca, da dysenteria, do oceano de males, numa palavra, em que se afogava a população.

Estava a variola em Parahyba e Rio Grande.

Avisado da imminencia do perigo, o presidente José Julio recommendou instantemente a vaccinação e revaccinação e tomou as medidas, que a urgencia das circumstancias requeria.

Era um labor insano pois que os indigentes abarracados em Fortaleza montavam a 125000, dos quaes 90 % não vaccinados, mas seria a salvação ou ao menos

valiosissimo empecilho ao desenvolvimento de uma epidemia e os medicos, que durante o decurso da secca estiveram na altura de sua nobre e espinhosa missão, puzeram-se em campo.

A Inspectoria de Saude em seu Relatorio de Outubro de 1868, tratando do apparecimento de uma pequena epidemia de variola, attribuiu-a á falta de vaccinação e á má qualidade da vaccina remettida do Rio de Janeiro e ajuntou que em *ninguem* ella dera resultado; da ruim qualidade e inefficacia da lympha falam tambem muitos outros Relatorios anteriores e posteriores a aquelle; não foi, porem, esse o obice unico que tiveram de enfrentar os medicos em 1878, tenaz e invencivel obstaculo foi a repugnancia do povo em acceitar o preservativo. Debalde pregavam os padres sobre suas vantagens, debalde apregoavam os medicos sua necessidade; ia-se até aos meios de coacção, ás medidas de rigor; tudo improficuo; *não queriam introduzir a peste no corpo* e nisto ficavam. Para demonstrar o limitado numero dos que se submetteram á operação tão simples e tão salvadora basta citar entre muitos o seguinte facto: no mez de Novembro entraram para o Lazareto de S. Sebastião 875 variolosos e desses eram vaccinados apenas 32. E nenhum dos vaccinados succumbiu.

A tantos combustiveis para o incendio, que se preparava, vinha ajuntar-se mais esse, parto infeliz da ignorancia e da superstição, e era um de capital importancia.

Campo vasto estava preparado para a seára da morte. A variola penetrou no Ceará e foi o Aracaty o primeiro ponto invadido. Contagiaram-no fugitivos de Mossoró, onde, como em outros logares do Rio Grande, reinava a variola; do Aracaty vieram bandos, e foram contaminados de chofre os abarracamentos de Fortaleza, a começar pelo do Alto da Pimenta. Foi isso em Setembro. Em breve todas as formas da variola, desde a hemorrhagica muito frequente, e á qual raros escaparam, desde a terrivelmente confluente até a discreta, todas as variedades, conhecidas entre o povo por *pelle de lixa*, *olho de polvo*, *tabardia*, *canudo*, *fogo*, cahiram sobre a população

em sua obra de exterminio. Não havia casa sem prantos; até no palacio da Presidencia fazia pasto a peste implacavel. Ninguem confiava no dia de amanhã. Só a vaccina mostrava-se sobranceira, victoriosa em meio do naufragio de todas as medicações empregadas.

Em Setembro a mortalidade pela variola era de 62 pessoas e em Outubro já attingia a 592. Mas o que são essas cifras ante os 9844 mortos em Novembro e os 14491 em Dezembro? Parece phantastico tudo isso, e todavia foi uma realidade, tremenda realidade.

No dia 8 de Dezembro, lembro-me bem da terrivel data, falleceram 1008 pessoas de variola em Fortaleza: falleceram, digo mal, chegaram ao Cemiterio da Lagoa Funda 1008 cadaveres, alguns ficando por enterrar pelo cançaço dos coveiros! E o numero dos mortos devia ter sido muito maior porque em torno da cidade, pelos mattos e nos vallados inhumavam-se cadaveres ou se os deixava apodrecer insepultos! Pode-se affirmar sem medo de erro que foi de 500 a media dos obitos por dia em Fortaleza no mez de Dezembro. E no Rio de Janeiro subiu ao auge o clamor porque em todo o anno de 1904 se tinham registado 3566 obitos pela variola!

A noticia do nosso miserando estado echoou e impressionou o mundo inteiro. O *New-York Herald* enviou um representante a estudar de visu o theatro de tantos horrores, e o Governo Inglez pediu-me um Relatorio sobre a *peste negra*, que devorava o Ceará.

Fique aqui registado como tremenda lição e aviso aos Governos e aos povos o obituario em Fortaleza em 1878:

Janeiro	1641	Julho	3655
Fevereiro. . . .	2110	Agosto	2275
Março.	3291	Setembro. . . .	1358
Abril	3889	Outubro	1757
Maio	5895	Novembro . . .	11065
Junho.	5409	Dezembro . . .	15435
	22235		35545

Total 57.780. E desse total 24989 á conta da variola.

Comparem-se agora esses algarismos com os que forneceu o obituario de Fortaleza no decennio anterior para todas as molestias e veja-se a differença:

1867—493; 1868—596; 1869—527; 1870—651; 1871—624; 1872—683; 1873—878; 1874—666; 1875—725; 1876—803.

O Ceará em 1878 perdia 174000 de seus filhos, sendo mortos 119000 e expatriados 55000.

Findara 1878, de angustiosa recordação. Que nos reservaria o novo anno? O mez de Janeiro registou ainda a enorme cifra de 2134 obitos por variola em Fortaleza, mas em Fevereiro descia o n.º a 176 e em Março a 107. Saciara-se o minotauro.

Arrolada a população existente nos 10 abarracamentos, a 10 de Fevereiro achou-se ser ella ainda de 80000, sendo que no do Alto da Pimenta havia 5788 familias com 22967 pessoas.

Como Fortaleza, todas as demais localidades da Provincia offereciam o mais desolador estado em que as deixara o monstro implacavel.

Em varios logares onde o povo se agglomerara egualmente a mortalidade subiu de ponto, em Maranguape por exemplo; nas minhas *Datas e Factos* para a historia do Ceará, vol. 2.º, estão consignados os seguintes dados com relação a essa localidade:

Annos	Casamentos	Baptisados	Obitos
1877	52	883	495
1878	41	703	3896
1879	97	483	1193
1880	115	624	232
1881	203	765	250
1882	259	908	198

O inverno de 1880 veio afinal pôr um termo aos soffrimentos do Ceará.

Que fez o Governo Geral em bem da extincção da variola? A *25 de Janeiro* aportava á Fortaleza uma commissão de 5 medicos e 2 pharmaceuticos. Entre as instrucções que trazia resava a 9.ª assim: *telegraphar para a Côrte informando sobre a natureza da molestia.* Veja-se o Jornal Official. Na Capital do Imperio ainda em Janeiro de 1879 ignorava-se a natureza do morbus, que anniquilara o Ceará!!

« Essa Commissão, diz o Relatorio do Ministro Leoncio de Carvalho, consta ter prestado consideraveis serviços á saude publica. » O Ceará os ignora por completo.

Que custou ao Governo a secca de 1877—79?

Trinta mil contos de réis, incluindo-se nelles as crescidas despezas com obras geraes, provinciaes e municipaes, a alimentação dos operarios das Estradas de Ferro de Sobral e Baturité e do Telegrapho, o sustento dos presos, a Commissão para Estudos da Secca e outras muitas verbas arroladas sob a rubrica Secca do Ceará para avolumal-as á nossa conta e nos serem atiradas á face, trinta mil contos que o Ceará indemnisou só com a renda da Alfandega de Fortaleza nos 13 annos seguintes á catastrophe.

Sendo, como era, a população do Ceará de 900000 pessoas e distribuida por ella a *grande* quantia, a cada cearense durante os 3 annos coube a diaria de menos de trinta réis. Mas a campanha contra a febre amarella no Rio de Janeiro tem custado ao Erario publico 8000 contos, e nós cearenses temos somente palavras de louvor para o Governo que se mostra humano e na altura de seu dever procurando zelar os nossos creditos de nação civilizada, mas com o Theatro Municipal do Rio de Janeiro despenderam-se 12000 contos.

E ao Ceará o que custou a secca de 1877—79?

O desapparecimento total da industria creadora, que é a principal riqueza cearense;

A ruina de toda fortuna particular;

180000 mortos, cabendo á Fortaleza 67267;

125000 expatriados, ou a perda equivalente a 375 mil contos.

Foi assim a secca de 1877, 1878 e 1879, longa e pavorosa caminhada de um povo heroico atravez dos mais crueis soffrimentos, victima da inclemencia da natureza, victima da propria imprevidencia, victima das desorientações e erros dos administradores, victima das depredações e ganancia de desalmados ás dezenas, não Cearenses, que nenhum se apresentou rico depois da calamidade, como aprouve á imprensa de certas Provincias apregoar e se ouviu de Senadores, um delles Cearense infelizmente, em pleno Parlamento, mas Brasileiros que especularam com as nossas desgraças e se fizeram millionarios recebendo dos cofres publicos os valores de carregamentos de generos, que nunca chegaram ao Ceará, ou enviando aos famintos farinha derrancada e carne secca pôdre.

E porque nas crises, como essa, ao lado dos fornecedores e commissarios, que os houve tambem indignos e pouco escrupulosos, surgem vultos a attrahir respeito e admiração, ficaram e ficarão para sempre gravados na alma cearense os nomes de tantos benemeritos, de tantos filhos de outras Provincias que nos deram a esmola de seus favores e sua compaixão, do inclyto Pedro II cujos labios proferiram esta phrase, que eu quizera ver inscripta na base da estatua que a gratidão vae erguer-lhe: «vendam-se as joias da coroa mas não morra de fome um cearense», desse venerando bispo D. Luiz Antonio dos Santos, novo Mathias de Figueredo ou Thomaz da Encarnação, a cujo exemplo admiravel multiplicaram-se os Leorne, os Prat, os Gurgel e os Ananias, de José Julio de Albuquerque Barros, cuja alma surprehendi em ancias de toda especie, de toda Corporação Medica, afóra os innumeros anonymos cuja cooperação e serviços preciosos só elles proprios e Deus conheceram.

Dez annos depois dos horrores de 77—79, nova secca salteou a Provincia e com ella sua companheira a variola, mas a população de Fortaleza, embora accrescida de 20 a 25 mil adventicios, estava como immunizada;

servira-lhe ao menos para isso a epidemia anterior. Nesse tempo, de Setembro de 1888 a Julho de 1889, perdeu o Ceará pela expatriação 34259 de seus filhos. E nunca mais se estancou a emigração Cearense, sobretudo para o matadouro da Amazonia.

Dahi em diante a variola tornou-se endemica, fazendo victimas de vez em quando nas classes inferiores. Em Agosto de 1900 grassou epidemicamente. Hoje Fortaleza expungiu essa entidade do seu quadro nosologico e faz-se um exemplo ás demais capitaes do paiz—os habitantes de Fortaleza não mais se arreceam da variola. Expulsou-a de seu recinto a vaccina, a nunca assaz louvada vaccina, convenientemente applicada e diffundida pelos agentes do poder publico e principalmente por esse brasileiro benemerito, que se chama Rodolpho Marcos Theophilo. Honra lhe seja.

VARIOLA NO CEARÁ NO SECULO 19

ANNOS	LOCALIDADES ATACADAS
1804	Fortaleza, Aracaty.
1814	Fortaleza, cuja população era de 3000 almas, segundo Barba Alarda.
1818	Fortaleza.
1825	Logares de agglomeração das victimas da secca.
1826—28 . . .	Comarcas do Crato e Jardim, nas quaes segundo o testemunho do Coronel José Victoriano Maciel succumbiram trese mil pessoas nos tres annos.
1845	Logares de agglomeração das victimas da secca.
1849	Sul da Provincia, Aracaty, Fortaleza.
1854	Aracaty.
1855	Aracaty, Granja, Sobral.
1857 e 1858. .	Fortaleza, Maranguape, Cauhipe, Siupé, Aracaty, Sobral.

ANNOS	LOCALIDADES ATACADAS
1859	Fortaleza, Jubaia, Pacatuba, Acarape, Tabatinga.
1860	Icó, Lavras.
1878 e 1879.	Todo o Ceará.
1890	Fortaleza.
1891	»

*
* *

Fóra das epochas de secca o Ceará tem sido tambem accommettido de serias epidemias, como aconteceu em 1851 com a Febre Amarella, em 1862 com o Cholera e ultimamente com a Dysenteria e a Peste Bubonica.

Febre Amarella. Em 1849 na Provincia da Bahia irrompeu a febre amarella. Viera de Nova Orleans no brigue americano «Brazil», que chegou alli a 30 de Setembro, havendo fallecido a bordo durante a travessia varios individuos.

Apezar de estar grassando a febre amarella no porto da procedencia e em Havana onde se demorara, apezar de se terem dado obitos a bordo, teve o «Brazil» livre entrada na Bahia, irregularidade de que se veio a ter conhecimento só a 2 de Outubro por um artigo inserto no *Correio Mercantil.*

Foram suas primeiras victimas o caixeiro da botica onde o capitão comprou medicamentos, o Consul Americano Thomaz Turner e G. S. Sanville, subdito Inglês, em cuja casa se hospedara o capitão.

Do «Brazil» passou-se o mal a um navio Sueco, recentemente chegado de Lisboa, que lhe ficava perto e que perdeu quasi toda marinhagem, e desse a todo o ancoradouro, ás freguezias contiguas, ás do centro, aos suburbios, ao littoral e a povoações distantes do littoral 10 e 12 leguas.

Da Bahia estendeu-se a febre amarella, levada a bordo do navio Navarre, ao Rio de Janeiro, onde appare-

ceram os primeiros casos em fins de Dezembro e continuaram té fins de Agosto do anno seguinte, sendo muito mortifera a epidemia, e a Pernambuco. Pode-se acompanhar seus passos em Pernambuco dizendo que a 28 de Dezembro entrou accommettido para o hospital da Boa Vista um marinheiro do brigue francés Alcyon, ha pouco vindo tambem da Bahia, logo depois um enfermo do hospital era atacado e vinha a fallecer a 1 de Janeiro de 1850, seguindo-se a este o pharmaceutico do Estabelecimento que succumbiu a 4. D'ahi accommetteu o bairro da Boa Vista e se espraiou por toda a cidade.

Em seguida foram visitadas as provincias do Pará, Maranhão, Parahyba, Alagoas, Sergipe e S. Paulo.

Do Maranhão, onde appareceu em Fevereiro de 1851, foi que veio importada para o Ceará.

Por mal entendido ou antes criminoso receio de aterrar a população calaram os medicos Maranhenses o verdadeiro caracter da febre alli dominante, e assim, despercebidas as auctoridades, fazia ella entrada em Fortaleza a 4 de Junho, sendo seu portador um passageiro do vapor S. Sebastião.

Foi o Dr. José Lourenço de Castro Silva quem denunciou pela imprensa a existencia de tão fatal hospede (*Jornal Cearense* de 27 de Junho).

A esse illustre medico, a seus collegas Almeida Rego (presidente da Provincia), Castro Carreira e Marcos José Theophilo, pharmaceuticos Antonio Mamede, a cujo centenario Fortaleza acaba de assistir com justo regosijo, Antonio Theodorico e Ferreira e cidadão Candido Pamplona deveu a cidade então serviços muito relevantes.

O Dr. Marcos Theophilo e o cirurgião militar José Joaquim Machado rebellaram-se a principio contra o diagnostico de febre amarella e capitularam de febres gastricas e intermittentes os casos a seus cuidados, mas a 11 de Julho assignavam com seus collegas o Parecer da Commissão Medica reunida na sala das Conferencias do Palacio do Governo.

Os primeiros casos de febre amarella occorreram em habitações sitas na Praça de Palacio, actual General Ti-

burcio, e alargando a zona da devastação ella atacou o Oiteiro, Pajehu, Garrote, Jacarecanga e mais suburbios.

Agosto foi o mez de sua recrudescencia, apparecendo ao mesmo tempo casos de sarampo e variola, que se dissiparam com o isolamento dos affectados; em Setembro declinou sensivelmente, para recrudescer logo depois e prolongar-se até Abril de 1852. Raros extrangeiros na cidade deixaram de ser accommettidos com mais ou menos violencia, o mesmo se deu com os sertanejos, mas as tripolações dos navios, quer nacionaes quer extrangeiros, não registaram um só caso no decurso do mal. As theorias modernas explicam o facto: estabelecida por ellas completa sequestração ou quarentena com a terra, não houve occasião das stegomiias fasciata exercitarem seu papel de agentes de elaboração e transmissão do perigoso morbus á gente do mar.

Numa população de 15000 pessoas, que era então a de Fortaleza, calcula-se que foram atacados 8000, dando-se apenas 261 obitos, sendo 151 homens e 110 mulheres, o que indica a benignidade da epidemia.

O quadro adiante marca a invasão e terminação, n.º de atacados e fallecidos nas outras localidades da Provincia :

Logares	Data da invasão	Data da terminação	N.º de atacados	N.º de mortos
Aquiraz	Julho de 1851	Dezembro de 1851	250	21
Soure	» » »	Outubro » »	200	16
Baturité	» » »	Junho » 1852	1200	120
Maranguape	» » »	Dezembro » 1851	1360	90
Quixeramobim . . .	» » »	Novembro » »	150	3
Cascavel	» » »	Dezembro » »	580	26
Aracaty	Outubro » »	Março » »	5000	99
S. Bernardo de Russas.	» » »	Abril » »	700	29
Icó	» » »	Fevereiro » »	3300	92
Acarahu	» » »	Abril » 1852	700	32
Sobral	Fevereiro » 1852	Agosto » »	4000	124
	Maio » »			

Em Aracaty, cidade relativamente populosa, a epidemia foi muito grave e fez victimas entre as pessoas de maior importancia social; seus povoados visinhos soffre-

ram egualmente, com excepção do de Canoa Quebrada, habitado por pescadores, que ficaram immunes por se haverem retirado de qualquer communicação com os pontos atacados. Um morador de Aracaty transportando-se a S. Bernardo de Russas foi o transmissor do mal para essa villa, que lhe fica a 10 legoas de distancia, como um soldado vindo já doente de S. Bernardo foi quem o levou para Icó. Em Aracaty entrou elle por via maritima. Em Sobral houve dia de serem accommettidos 200 pessoas, sendo Julho o mez dos maiores estragos. Nessa cidade devido ao mau cheiro exhalado das sepulturas cessaram de ser celebrados os Officios Divinos em algumas Egrejas, e sobre os tectos dellas esvoaçavam bandos de urubus.

Sobre essa Epidemia ha um trabalho devido á penna do Dr. Castro Carreira, que foi mais tarde representante do Ceará no Senado do Imperio; intitula-se *Descripção da Epidemia da febre amarella que grassou na Provincia do Ceará em 1851 e 1852*, Rio de Janeiro, Typ. de N. L. Viana Junior, 1853.

Em 1853 manifestou-se de novo a febre amarella em Sobral e Icó; em Setembro de 1854 em Granja, sendo atacadas 1346 pessoas e 30 fallecidas; em Março de 1855 em Sobral, com 17 pessoas atacadas e 1 fallecida; em 1856 em Aracaty, contando-se entre as victimas o medico Inglês Dr. Mallet, no districto de Mutamba, onde fez 25 victimas, em S. Bernardo, Sobral e Imperatriz; em 1857 em Canindé, Cascavel, Baturité e Acarape; em 1861 em Baturité, em 1862 em Sobral e 1876 de novo em Sobral.

Em Fortaleza de vez em quando, com interregnos mais ou menos longos, apparecem casos isolados de febre em extrangeiros ou nacionaes chegados do interior, mormente os das serras, mas esses casos não auctorizam a affirmar-lhe um caracter endemico, no rigor scientifico da palavra.

Dous casos occorridos não ha muito em Quixadá foram de molde a impressionar o povo pelas pessoas accommettidas: o notavel Benedictino D. Mauricio Prichzy fallecido a 13 de Janeiro, e o Engenheiro Milton Under-

down vindo por mandado do Governo Federal estudar a applicação da cultura secca no Ceará e fallecido a 13 de Agosto de 1907. D. Mauricio havia 8 annos que era residente no Brasil e inda em 1899 fôra enfermeiro de varios amarellentos em Recife. Precederam ao seu fallecimento naquella localidade os de tres Italianos, da familia Paracampos, recem-chegados da Europa via Pará e Maranhão, onde se estavam dando casos de febre.

Cholera-Morbus. Em Março de 1856 a população de Fortaleza e consecutivamente de toda Provincia era aterrorisada com as communicações feitas ao presidente Paes Barreto pelas auctoridades de Acaracu e Sobral de ter alli apparecido o cholera; affirmava-se que chegado á 1.ª daquellas localidades um hiate procedente de Pernambuco, haviam adoecido immediatamente dois passageiros com symptomas do mal. O presidente tomou as medidas que as circumstancias requeriam, mandou buscar medicos no Rio, Bahia e Alagoas, entre os quaes contavam-se os Drs. José Lourenço de Magalhães, João Antonio Saraiva e Thomaz Hall, remetteu medicos e ambulancias para os pontos suspeitos, fez construir em Fortaleza a Enfermaria do Oiteiro e augmentar o cemiterio dando-lhe mais 120 palmos de frente e 300 de fundo, o que o tornou 3 vezes maior.

A Paes Barreto se deve tambem o Lazareto da Lagoa Funda. Ordenada a construcção do Lazareto por deliberação de 5 de Novembro de 1855 foi elle feito pelo contractante Fernando Hitskhy em terrenos do Brigadeiro Francisco Xavier Torres e a este comprados por 3:500$000, segundo consta da Ordem do Thesouro Nacional n.º 63 de 20 de Dezembro de 1865. O edificio, em que se despendeu a quantia de 3:975$800, ficou concluido a 7 de Março de 1856.

O Ceará, porem, desta vez passou incolume do terrivel mal que perseguia a outras Provincias, e veio a conhecel-o só seis annos depois.

A epidemia do cholera manifestou-se na Provincia, e pela 1.ª vez, pela cidade do Icó. Foi isso a 5 de Abril

de 1862. Trouxe-a um forasteiro, chegado do Rio do Peixe. Chamava-se José Leandro Tavares a 1.ª victima.

No Icó tomou ella proporções aterradoras, pois houve dia de 40 obitos numa população de 4000 habitantes. Dahi propagou-se aos diversos pontos, verificando-se sempre sua transmissão pelos boiadeiros ou por fugitivos de logares já accommettidos. Não escaparam ao contagio Aracaty, S. Bernardo de Russas (Taboleiro de Areia), Tauhá (20 de Abril), Sucatinga, Pacatuba (21 de Maio), Quixeramobim (24 de Maio), Lavras (29 de Maio), Baturité, Crato, Acarape (12 de Junho), Maranguape, Milagres, Varzea-Alegre, etc. A essa ultima localidade veio trazida por um individuo, que servira de coveiro em Icó e cuja familia (6 pessoas) foi logo accommettida.

Em Fortaleza começou a reinar no dia 13 de Maio e fez 362 victimas assim distribuidas: Maio 47, Junho 138, Julho 124, Agosto 34, Setembro 6, Outubro 5, Novembro 3 e Dezembro 5. A 1.ª pessoa fallecida (14 de Maio) foi João Pinto, casado, de 50 annos de edade.

Nesse tempo de provações para Fortaleza o Dr. José Lourenço prestou, como em 1851, assignalados serviços. Ajudavam-o na Commissão do Oiteiro os cidadãos Marcos Apolonio da Silva, José Florentino de Andrade e José Teixeira Pinto, o mesmo que em 1877 foi um dos meus auxiliares em Maranguape na epidemia de febres biliosas.

A cifra mortuaria em Fortaleza (362) foi mui diminuta comparativamente á registada em Maranguape. Foi essa localidade a que mais padeceu na Provincia. Familias inteiras desappareceram. Começou o n.º das victimas por 1 a 16 de Junho e no dia seguinte já attingia a 6 e no dia 27 a 28; no dia 1 de Julho contavam-se 36 victimas, a 4 eram 61 e a 6 eram 64 (foi o dia de maior mortalidade) e assim ora mais ora menos até 19 de Julho quando começou a declinar (14 obitos).

A população já se suppunha livre do flagello quando elle irrompeu de novo furioso. Deu azo a isso a abertura da casa, situada no centro da villa, que tinha servido para hospital dos cholericos e que havia dois mezes

estava fechada; tinha-se de fazer nella alguns reparos e estava sendo excavado o solo; as pessoas a quem se encarregara o serviço foram logo atacadas, o official de justiça Manoel Martins, que abriu as portas, esse no dia seguinte estava enterrado.

O total dos obitos em Maranguape attingiu a 1960, sendo só em Junho 251 e em Julho 834. O n.º provavel das pessoas accommettidas não foi inferior a 5000. Releva consignar os serviços prestados ahi nessa epocha ominosa pelo Bacharel J. A. de Almeida Castro, P.e Galindo Cavalcante e Coronel J. J. de Sousa Sombra, este principalmente. O Coronel Sombra, inda hoje felizmente existente, foi sempre um benemerito de Maranguape; possuo no meu archivo documentos pelos quaes se prova que por elle, um simples curioso, foram tratados e medicados gratuitamente de 1866 a 1867 enfermos em n.º de 8591!

O panico produzido em Maranguape pela epidemia tocou ao seu auge; muitas pessoas foram sepultadas vivas; o serviço dos enterramentos era feito por presos a quem se havia promettido o perdão das penas, que estavam cumprindo.

O facto de enterramentos de vivos occorreu tambem em Fortaleza; sei de um capitania, de nome Raymundo, que ao voltar do mar não mais encontrou a mãe que fôra levada a sepultar; elle corre entre prantos ao cemiterio, dava-lhe azas o amor filial, atira-se á valla, e retira a pobre mulher que estava ainda viva, mas que logo depois exhalava o ultimo suspiro entre seus braços.

De horrores taes já Lucrecio nos fala nas paginas do seu *De rerum natura* quando trata da peste de Athenas.

Outra localidade a pagar largo tributo foi Baturité. Inda hoje narram os velhos a impressão causada pelas enormes fogueiras ateiadas com o alcatrão, que o Governo enviara para alli e que posto em grandes buracos pelas ruas era queimado como desinfectante; assemelhavam-se a cirios colossaes a illuminar o esquife da cidade.

Mas nada tão impressionador como as procissões de penitencia: na frente uma grande cruz cingida com uma

toalha branca, uma matraca a soar, o padre de alva e estola preta a entoar em voz cavernosa e soturna o Pænitet e após a multidão dos fieis, uns com grandes pedras sobre a cabeça, outros com barricas ou pesados madeiros, descalços, todos a percutirem o peito a clamar misericordia ou a verter o sangue a mercé dos azorragues; as casas de portas e janellas fechadas, ninguem ousando olhar os penitentes porque então sobrecarregaria a consciencia com os peccados delles; ao chegar ao templo, mal allumiado, ao clarão dubio de poucas velas, muitos se atiravam ao chão para que a multidão lhes passasse por cima, outros permaneciam immoveis de braços abertos, e a cada canto gemidos e o tilintar das disciplinas a cortarem as carnes sem piedade. As disciplinas eram laminas de ferro, dentadas, de 10 centimetros mais ou menos, presas a cordões.

Scenas eguaes presenciou Fortaleza, embora a benignidade do mal.

Entre as victimas perdeu o Ceará varios zelosos sacerdotes: Leoncio Candido do Carmo Chaves, coadjuctor de Russas (3 de Maio), João Felippe Pereira, vigario de Tauhá, Manoel Antonio de Lemos Braga, vigario de S. Matheus (14 de Maio), Joaquim Virissimo Baptista e Vicente de Lima Wanderley, residentes em Icó, Tito José de Castro Silva Menezes, coadjuctor de Aracaty (22 de Maio), Pontes, residente em Varzea Alegre, Conego Antonio de Castro Silva, residente em Arronches (13 de Julho), João Marrocos Telles, do Crato, e Angelo Custodio de Oliveira, capellão de Acarape. Succumbiram egualmente os medicos Dr. Joaquim Barbosa Cordeiro em Baturité e em Maranguape Dr. Pedro Cesar, natural de Pernambuco. O cadaver deste foi transportado ao cemiterio pelo seu collega Dr. Rufino de Alencar e Coronel Tristão de Alencar, recusando-se o povo por atemorisado a praticar esse acto de caridade christã. A energia dos dous irmãos Alencares serviu para levantar o espirito publico do abatimento em que jazia.

Em fins de Agosto do anno seguinte estava extincta a epidemia em toda Provincia, tendo-lhe custado a perda

de 11000 habs. approximadamente, como se vé da seguinte relação:

OBITUARIO PELO CHOLERA EM 1862

Termo de Jardim	500
» de Milagres	204
» de Crato	1100
» de Barbalha	200
» de Cachoeira	70
» de Quixeramobim . . .	120
» de Cascavel	360
» de Aquiraz	250
» de Baturité	1350
» de Maranguape.	1960
Freguezia de Missão Velha . .	48
Comarca de Icó	1400
» de Aracaty	1000
» de Inhamuns	280
» Saboeiro	460
Municipio de Russas inclusive Morada Nova	500
Arronches, Soure e Mucuripe . .	200
Tucunduba.	12
Baixa-Verde	26
Fortaleza	362

Sobre a Epidemia do Cholera-morbus no Ceará em 862 ha publicado um Relatorio apresentado ao Presidente Dr. José Bento pelo Dr. Antonio Manoel de Medeiros (*). Os primeiros casos observados por esse distincto profissional na sua commissão ao interior foram os

---

(*) Relatorio apresentado ao Illm. Exm. Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, presidente da Provincia do Ceará pelo Dr. Antonio Manoel de Medeiros. 1.º Cirurgião do Corpo de Saude do Exercito. em commissão nas comarcas do Crato e Jardim, durante a epidemia do Cholera-morbus em 1862, Ceará, Imp. na Typ. Brazileira, 1863, in 8º de 22 pp.

de quatro indios dos aldeiados em 1860 por Manoel José de Sousa no sitio Cachorra-morta, termo de Milagres.

Eram esses indios os Chocós e descendiam da Missão da Baixa Verde (Pajeú de Flores), fundada no principio do seculo passado pelo Missionario Frei Angelo, mui elogiado de Ferdinand Denis.

Com a morte do fundador os selvicolas dispersaram-se, emigraram, sendo massacrados muitos delles por sertanejos Cearenses e Piauhienses. Aos que vagavam pela comarca do Jardim conseguira reunil-os Manoel José de Sousa, mas em numero redusidissimo, não mais de 30. Desses mesmos o cholera arrebatou grande parte e com elles seu dedicado e sollicito director.

Sobre a epidemia escreveu tambem um dos medicos para aqui contractados, o Dr. Januario Manoel da Silva, Bahiano, um opusculo com o titulo *Breves Noções sobre o apparecimento da epidemia do cholera-morbus no Brasil, seus diversos tratamentos*, etc., Bahia, Typ. de Antonio Olavo da França Guerra, 1863.

Alem deste vieram ao Ceará varios outros medicos contractados. Do Relatorio do Presidente José Bento vê-se que nos differentes pontos estiveram em commissão 31 facultativos a convite do governo. Ou esse n.º ou o dos medicos que teve o Ceará em 1878.

Outro folheto andou espalhado no Ceará— *Prescripções Hygienicas e Therapeuticas acerca do cholera-morbus fundadas na experiencia e organisadas pela Commissão de Hygiene Publica de Pernambuco.* Reimprimiu-o a Typ. Cearense em 1856. Como se colhe da data, tinha tão somente intuitos de prevenção, lavrando em todos os animos o receio de que a provincia fosse assaltada, o que felizmente se não realizou, não acontecendo o mesmo com Pernambuco, e com o Pará onde penetrou em Maio de 1855 levada pelo Defensor, navio português e onde fez verdadeiras hecatombes, como por exemplo em Cametá.

Na eminencia de um assalto do viajante gangetico em 1886, pois algumas Republicas visinhas extorciam-se então sob seu açoite, publiquei, por obedecer aos mes-

mos intuitos, um trabalho, que constitue a Parte II da *Sciencia Medica, Artigos de propaganda* a que já me referi.

Em 1864, e pela ultima vez, reappareceu o terrivel morbus no Ceará.

Como fizera na epidemia de 1862, o Dr. Antonio Manoel de Medeiros apresentou ao Governo um Relatorio da commissão medica de que foi encarregado em 1864 nas comarcas do Icó, Crato e Jardim. E' desse Relatorio o seguinte quadro:

FREGUEZIAS	INVASÃO	TERMINAÇÃO	ATACA-DOS	MORTOS
Lavras . . .	28 de Fev.º	29 de Julho	1363	290
Crato . . .	25 de Março	15 de Junho	1252	204
Missão Velha .	2 de Abril	20 de »	667	95
Icó	5 de »	30 de Maio	541	45
Barbalha . .	25 de »	26 de Junho	2268	148
Boa Vista . .	29 de »	12 de »	39	14
Milagres. . .	6 de Junho	18 de »	431	87
Jardim (Lama).	9 de Julho	4 de Agosto	38	3
		Total	6599	886

Na epidemia do cholera no Ceará a medicação empregada visava, e não podia deixar de ser assim, combater os symptomas á medida que iam apparecendo. Em varios doentes foi experimentado, e sempre com proveito, o succo do limão, verdade confirmada, como para outros acidos, em ulteriores estudos de notaveis medicos entre os quaes o Prof. Koch, a quem se deve o descubrimento em 1883 do bacillus virgula.

O povo, entre os muitos remedios de sua therapeutica de cascas e hervas, usava as infusões da pimenta malagueta, os cosimentos de ipecacuanha preta e trazia como medicina preventiva enxofre em pó nas meias ou pendente ao pescoço até a região epigastrica um cordão em que estava enfiada uma moeda de cobre que chamavam xemxem; alguns traziam-a atada ás coixas.

Muito posteriormente Burcq, á maneira de Raspail, tão criticado pela Academia de Medicina de Paris, aconselhou placas de cobre sobre o estomago como prophylactico do cholera; é o seu tratamento metalo-therapico preventivo. E digam que o povo não tem a intuição da medicina.

Dysenteria. Enfermidade propria dos climas quentes e que leva todos os annos uma contribuição, embora pequena, ao obituario de Fortaleza e de outras localidades do Estado, a dysenteria atacou sob forma epidemica a cidade de Fortaleza em 1905.

As crianças foram as que pagaram mais largo tributo. Como aqui, foram assoladas Maranguape e Pacatuba. Em 1907 e 1908 voltou a apparecer de novo epidemicamente em Fortaleza, atemorisando a população inda lembrada dos sustos por que passara em 1905 e conhecedora dos factos de que havia 2 annos fôra theatro Recife donde se irradiou o mal á Parahyba e ao Piauhy.

Chamou o povo *ligeira* a epidemia reinante; chamava-lhe tambem *pernambuco*, pelo facto de ter vindo do Estado desse nome.

Para a explicação do mal, que reinou, penso ter cabido a responsabilidade principal ao uso de aguas inficionadas. A meu ver a dysenteria é de origem hydrica na maioria dos casos. Estava muito pejado de impurezas o solo da cidade, cuja população cresce de dia a dia; as chuvas abundantes que então cahiram ($60^{mm},5$ em Janeiro de 1908, 108^{mm} em Fevereiro, $226^{mm},5$ em Março, 210^{mm} em Abril, 183^{mm} em Maio), filtrando-se e acarretando temiveis elementos morbigenos contaminaram algumas das fontes ou depositos de agua de que se abastece a população; por outro lado as aguas de chuva são polluidas, bem podem sel-o, pelas poeiras atmosphericas e pelas que estão depositadas nos telhados: dahi o apparecimento dos casos, que, a principio isolados, esporadicos, chegaram a revestir o caracter epidemico, crescendo com o numero dos accommettidos a virulencia do quid especifico a ponto de se registarem as formas as

mais graves, gangrenas do intestino, sobresaltos dos tendões, estados typhicos.

Observei na epidemia de 1905 que se registaram varios casos, e alguns delles fataes, nas habitações por cujos quintaes corre o regato Pajehu.

Em 1905 falleceram por dysenteria em Fortaleza 8 pessoas em Fevereiro, 78 em Março e 142 em Abril, havendo no dito periodo de 3 mezes mais 141 obitos por enterite, gastro-enterite e entero-colite, o maior numero em crianças já se vê.

A epidemia de 1908 si bem que extensa foi muito menos mortifera, registaram-se apenas 39 obitos. Em 1907 foram 30 os casos fataes.

Confirma-se assim o dizer de Patrick Manson: «Si bem que certas epidemias de dysenteria affectem uma malignidade que, felizmente, não é commum, a mortalidade directa e immediata dessa molestia não é muito elevada graças aos nossos methodos therapeuticos modernos.

Peste bubonica. Essa nova entidade morbida conheceu-a o Ceará em 1900. Trouxeram-a partidas de farinha importada do Maranhão e Pernambuco. Como sempre e é de observação, foi precedida de grande mortandade de ratos, os primeiros a serem accommettidos.

Abatido o espirito publico com os casos de adenites, enfartes glandulares que iam apparecendo aqui e alli, com o fallecimento de muitos dos atacados, o presidente Dr. Pedro Borges poz-se em communicação com o governador do Pará Dr. Paes de Carvalho e alcançou que viessem ao Estado em missão especial o Dr. Francisco da Silva Miranda e Giuseppe Martina, os quaes aportaram á Fortaleza a 4 de Setembro.

Installado o laboratorio de analyses numa das salas do Paço Municipal, os exames procedidos no sangue e serosidades extrahidas de tres doentes não revelaram o bacillo de Kitasato-Yersin na opinião daquelles profissionaes, que chegaram á conclusão de que *a molestia reinante, longe de ser importada, tinha origem no proprio meio.*

Posta de parte a idéa do mal levantino, a Commissão foi buscar a origem da doença reinante nas aguas de For-

taleza e declarou haver encontrado nellas varios bacillos, entre os quaes o typhico, o coli-communis, o putridus, o violaceo, corpusculus esphericos de Laveran. Tratava-se de uma epidemia de lymphadenite malarica (*).

Estava o Ceará liberto do fechamento de seus portos ao commercio interestadual e estrangeiro, o que seria o ultimo golpe para elle a braços com a secca daquelle anno, que lhe roubou 28134 pessoas, forçados á expatriação deante da criminosa indifferença do governo da União. Devemos esse favor ao Parecer da Commissão Silva Miranda.

Hoje, como então, não tenho a menor duvida que o que andou por aqui foi o mal levantino, que ainda posteriormente tem feito suas investidas não só á Fortaleza como a Maranguape, Soure, Pacatuba, não se extendendo, todavia, pela nossas proprias condições climatericas, a alta temperatura em primeiro logar. Os focos em Fortaleza tem sido quasi sempre as mercearias ou casa contigua a mercearias em que se vendem cereaes.

O mal é conhecido entre o povo cearense por *febre de caroço.*

*
* *

Cada localidade do Ceará tem seus males, males que attrahem a attenção: Fortaleza — as enfermidades que acompanham o começar e o findar da estação pluviosa, isto é, as bronchites, broncho-pneumonias, catarrhões, influenzas, febres de fundo palustre, maxime no Oiteiro, visinhanças dos paúes do Cocó, pelos cursos do riacho Pajehu e Jacarecanga, febres gastricas, a que as creanças de preferencia succumbem e sempre por desvios da re-

---

(*) Relatorio apresentado ao Exm. Snr. Dr. José Paes de Carvalho Governador do Estado do Pará pelo Dr. Francisco da Silva Miranda, em missão especial no Estado do Ceará, Belem, Typ. do Diario Official, 1900.

gular alimentação; Baturité e Acarape—suas ulceras boubaticas, tão graves ás vezes que reclamam a amputação, transmissiveis pelo mosquito e pela mosca, nimiamente contagiosas, que não são as boubas syphiliticas, ora ulcera atoucinhada lardacea desde o começo, ora precedida do cravo ou verruga que se transforma depois na ulcera; Aracaty—a syphilis; Lavras—as molestias cardiacas; Icó—a tuberculose pulmonar; a região do Cariry—o trachoma e mais padecimentos occulares.

O presidente Silva Bitancourt em Relatorio de 1844 incitava os competentes ao estudo das *endemias de ophthalmias* que se desenvolvem pelo verão em Fortaleza, e o Relatorio do medico Alves Ribeiro (Junho de 1859) denuncia o numero consideravel de ophthalmicos; parece que não temos melhorado nesse sentido, as affecções occulares são tão frequentes em Fortaleza como outrora, e devidas em grande parte á poeira e á intensidade da luz. Peior se poderá dizer das serras onde os mosquitos as vão transmittindo de umas pessoas ás outras, e da região do Cariry, Crato, por exemplo, onde, segundo um especialista, o Dr. Meton de Alencar (Do Trachoma no Estado do Ceará) é rara a pessoa que não a tenha ou já não a tivesse tido, parecendo a cidade antes um grande hospital de isolamento.

A *granulação*, como o povo lhe chama, é muito frequente tambem em Barbalha e Jardim, fazendo ahi crescido n.º de cegos. Diz o Dr. Silva Mariz que 2/3 dos cegos do Cariry são devidos a esse flagello e como prova de sua frequencia adduz a terrivel informação de ter encontrado entre as 36 meninas de uma escola de Barbalha 26 trachomatosas.

Já Southey (1808) dizia que sendo o Crato a mais abundante e deliciosa região do Ceará eram, comtudo, endemicas ahi certas molestias dos olhos e das pernas.

Eminentemente contagioso como é o trachoma, cabe ao Estado a obrigação de oppor-lhe embaraços á marcha e jugulal-o. O modo dil-o a sciencia. Como se consegue tem-se um exemplo no Estado de S. Paulo.

Em obra recentissima, *La prevention de la cecité en France*, Trousseau demonstra como muitos outros paizes Europeus vão adiantados nesse particular, a Hollanda, por exemplo, para não citar outros, onde a proporção dos cegos é de 4,46 para 10000 habitantes contra 8 para o mesmo algarismo em França. Trousseau conclue do estudo das estatisticas que 43 °/o dos casos de cegueira poderiam ser evitados e mostra como graças a applicação rigorosa das medidas prophylacticas desappareceriam por completo a ophthalmia purulenta e a conjunctivite granulosa. Truc avalia em 34 °/o e Golesceano em 39 °/o o n.º das cegueiras evitaveis. A que grau de adiantamento tem attingido a moderna sciencia! E quanto tambem nós, cearenses, somos alheios á noticia desse adiantamento ou nos fazemos a elle indifferentes!

A tuberculose é outra molestia que impressiona assás no obituario de Fortaleza — 186 casos em 1906, 226 em 1907 e 193 em 1908 afora as cifras elevadas com a rubrica de molestias do apparelho respiratorio (95 em 1906, 67 em 1907 e 76 em 1908).

Em todos os annos verifica-se maior mortalidade por tuberculose nas mulheres, nos individuos de 20 a 50 annos, nos solteiros e nos alcoolicos.

Comparando Fortaleza com o Rio de Janeiro tem-se para a 1.ª a taxa percentual de 15,43 sobre a mortalidade geral para 1906 e de 18,51 para 1907 ao passo que para a 2.ª (Rio) a percentagem é de 19,6 para 1905 e 18,7 para 1906.

Comparando Fortaleza com S. Paulo tem-se a taxa percentual de 15,43 para 1906 e 18,51 para 1907 ao passo que S. Paulo dá 6,5 °/o e 7,3 °/o respectivamente. Em 1908 a percentagem para Fortaleza baixou a 14,63.

A' conta de factores multiplos, disse eu em trabalho já publicado, e ora repito, deve-se attribuir os muitos casos de tuberculose, em Fortaleza: 1.º o grande numero de individuos vindos de outros Estados e que succumbem aqui, e delles é a maior contribuição á cifra mortuaria, devendo-se, pois, ter bem em vista essa conside-

ração, 2.º o augmento da densidade da população, verificando-se mais uma vez o acerto do principio de Farr, 3.º as molestias chronicas, cachexias, todos os generos de viciamento e enfraquecimento organicos, miseria physiologica, emfim, que nos vão legando as seccas mais ou menos rigorosas e nos atirando de retorno os pantanaes na Amasonia, 4.º a syphilis e o alcool, outras duas lepras que corroem a cidade, 5.º a crença, infelizmente divulgada, da não contagiosidade.

Sobre este ultimo factor poderia me extender, não o faço, porem, visando a curteza destas Notas, em todo caso sempre direi que ainda ha bem pouco arrancavam-se no Ceará até as fechaduras e as dobradiças das portas da casa em que um tysico morria e se destelhava a casa para submettel-a á acção viva e directa do sol, e hoje raras são as simples desinfecções dos domicilios infectados, podendo-se affirmar que em Fortaleza ha verdadeiras casas de tuberculose pela falta absoluta de prophylaxia.

Ao contagio immediato se deve attribuir egualmente o augmento da morphea em Fortaleza. Não ha anno em que ella não figure, mui poucos casos é verdade, na lista do obituario. A descrença dos cearenses quanto á contagiosidade da lepra é ainda maior que com relação a tuberculose. E isso mesmo nas altas camadas sociaes. A descrença, porem, vae custando caro a algumas familias.

Em 1898 a proposito da Conferencia Internacional de Berlin realizada em Outubro do anno anterior publiquei na Revista da Academia Cearense um estudo sobre 32 casos de morphea de que tinha conhecimento; em quasi todos elles vim a verificar a maneira como se operara a contaminação. Fortaleza não possue hospital de isolamento.

Chamam tambem a attenção por sua frequencia em Fortaleza as affecções do apparelho circulatorio (239 obitos em 1908) e de modo todo especial os aneurysmas.

Como complemento ao meu despretencioso trabalho aqui ajunto os seguintes quadros:

NUPCIALIDADE EM FORTALEZA

	Total dos Casamentos	
Annos	*Registo Civil*	*Camara Ecclesiastica*
1901	78	216
1902	112	176
1903	118	292
1904	112	191
1905	173	311
1906	187	421
1907	174	383
1908	105	434

Como se vê do quadro supra os algarismos obtidos no Cartorio do Registo Civil divergem muito dos da Camara Ecclesiastica, os unicos verdadeiros.

A Egreja recommenda aos nubentes o registo perante o representante do governo, o povo foge, porem, de preencher essa formalidade garantidora dos interesses materiaes da familia; attribuem todos o facto ás grandes despezas a que os obriga o contracto civil.

Fortaleza comparada com outras cidades do Brasil quanto á Nupcialidade

Cidades	*Annos*	*População*	*Coeff. por 1000 habs.*
Fortaleza .	1908	60000	**7,02**
Capital Federal . .	1907	824000	5,27
S. Paulo	1907	300000	6,34
Bahia	1907	265000	1,89
Recife	1904	186000	2,80
Belem	1906	177000	6,81
Porto Alegre. . .	1907	100000	4,06
Curityba	1908	58600	8,58
Manáos	1907	52000	4,20

Cidades	*Annos*	*População*	*Coeffi. por 1000 habs.*
Santos.	1907	50000	7,36
Nicteroi	1907	45000	9,08
Bello Horisonte . .	1904	18000	8,60
Aracajú	1906	17000	4,56
Natal	1904	16000	3,23
Florianopolis . .	1907	13474	8,16

FORTALEZA COMPARADA COM CIDADES DO EXTRANGEIRO QUANTO Á NUPCIALIDADE

Cidades	*Annos*	*População*	*Coeff. por 1000 haos.*
Fortaleza .	1908	60000	**7,02**
Londres	1907	4758218	8,50
Paris	1907	2735165	11,07
Berlin	1907	2093318	11,15
Vienna.	1907	1979000	9,33
S. Petersburgo . .	1907	1506000	6,90
Roma	1907	545000	6,72
Lisboa	1904	300000	6,04
New-York. . . .	1907	4286000	11,90
Buenos Aires. . .	1907	1130000	8,36
Montevideo . . .	1907	310000	6,98

NATALIDADE EM FORTALEZA

Annos	TOTAL DOS NASCIMENTOS	
	Registo Civil	*Camara Ecclesiastica*
1901	326	1448
1902	372	1607
1903	370	1562
1904	334	1722
1905	368	1702
1906	395	1705
1907	424	1884
1908	393	2035

A observação por mim feita sobre a divergencia existente entre os dois registos—civil e ecclesiastico—quanto aos casamentos tem aqui muito maior applicação; ao pobre pouco se lhe dá de scientificar ao Official do Governo o nascimento dos filhos, não se dispensa, porem, do baptismo delles na Egreja. Tambem si fossem verdadeiros os dados do Registo Civil, comparados os que se referem á natalidade aos da mortalidade, estava o Ceará, terra reconhecidamente prolifica, em vesperas de um terramoto demographico, estava em peiores e mais lastimaveis condições que a França, cujo desapparecimento gradual constitue o mais grave problema para seus economistas e homens politicos. O Ceará seria a côrte do rei Malthus.

A extraordinaria discordancia se observa nas outras cidades e villas do Estado; em Aracaty, por exemplo, ao passo que o registo ecclesiastico em 1908 teve 438 baptisados, sendo 234 do sexo masculino e 204 do feminino, 364 legitimos e 74 illegitimos, e 59 casamentos, o registo civil teve 160 nascimentos, sendo 92 do sexo masculino e 68 do feminino, 91 legitimos e 69 illegitimos, e 41 casamentos.

Os obitos registados foram 141 no dito anno.

Sobre legitimidade e illegitimidade dos filhos é a seguinte a estatistica para Fortaleza no ultimo quinquennio:

	Registo Civil		Camara Eccles.ª	
Annos	*Legitimos*	*Illegitimos*	*Legitimos*	*Illegitimos*
1904	295	39	1481	241
1905	330	38	1459	243
1906	364	31	1493	212
1907	338	36	1603	281
1908	366	27	1743	292

FORTALESA COMPARADA COM OUTRAS CIDADES DO BRASIL QUANTO Á NATALIDADE

Cidades	*População*	*Anno*	*Coeff. por 1000 habs.*
Fortaleza .	60000	1908	**33,80**
Capital Federal. .	824000	1907	25,33
S. Paulo	300000	1907	35,60
Bahia	265000	1907	10,50
Recife	186000	1904	16,89
Belem	177000	1906	15,89
Porto Alegre. . .	100000	1907	33,75
Curityba	58600	1908	31,40
Manaos	52000	1907	15,81
Santos	50000	1907	46,52
Bello Horisonte. .	18000	1904	33,40
Aracaju	17000	1904	34,36
Natal	16000	1904	7,66
Florianopolis . .	13474	1907	33,54

FORTALEZA COMPARADA COM CIDADES DO EXTRANGEIRO QUANTO Á NATALIDADE

Cidades	*População*	*Anno*	*Coeffi.*
Fortaleza .	60000	1908	**33,8**
Londres	4758218	1907	25,6
Paris	2735165	1907	18,6
Berlin	2093318	1907	24,3
Vienna	1979000	1907	24,8
S. Petersburgo . .	1506000	1907	30,4
Roma	545000	1907	23,5
Haya	252000	1907	29,2
Christiania . . .	230800	1907	25,3
New-York . . .	4286000	1907	28,2
Buenos Aires . .	1130000	1907	34,5
Montevideo . . .	310000	1907	26,9

MORTALIDADE EM FORTALEZA

NOS ULTIMOS 43 ANNOS

Annos	*Obitos*	*Annos*	*Obitos*
1866	527	1887	921
1867	493	1888	1483
1868	596	1889	2502
1869	527	1890	1332
1870	651	1891	1385
1871	624	1892	1874
1872	683	1893	1315
1873	878	1894	1466
1874	666	1895	1540
1875	725	1896	1531
1876	803	1897	1743
1877	2665	1898	1458
1878	57780	1899	1937
1879	6822	1900	2016
1880	1793	1901	1348
1881	1065	1902	954
1882	917	1903	1045
1883	975	1904	1191
1884	1030	1905	1665
1885	1030	1906	1206
1886	942	1907	1221
		1908	1319

Mortalidade em Fortaleza quanto ao Sexo e á Edade

Annos	*Homens*	*Mulheres*	*Adultos*	*Parvulos*	*Total*
1891	706	679	669	716	1385
1892	1010	864	832	1042	1874
1893	710	605	525	790	1315
1894	821	645	750	716	1466
1895	746	794	820	720	1540
1896	830	701	733	598	1531
1897	883	860	763	980	1743
1898	778	680	710	748	1458
1899	1059	878	885	1052	1937
1900	1021	995	954	1062	2016
1901	677	671	773	575	1348
1902	467	487	553	401	954
1903	427	618	595	450	1045
1904	628	563	738	453	1191
1905	848	817	772	893	1665
1906	614	592	702	504	1206
1907	628	593	712	509	1221
1908	659	660	673	646	1319

Excesso dos Nascimentos sobre os Obitos em Fortaleza nos ultimos oito annos

Annos	*Nascimentos*	*Obitos*	*Excesso*
1901	1448	1348	100
1902	1607	954	653
1903	1562	1045	517
1904	1722	1191	531
1905	1702	1665	37
1906	1705	1206	499
1907	1884	1221	663
1908	2035	1319	716

MORTALIDADE DE FORTALEZA NO ULTIMO DECENNIO COM MAIOR DETALHE DAS EDADES

Edades	*1899*	*1900*	*1901*	*1902*	*1903*	*1904*	*1905*	*1906*	*1907*	*1908*
De 0 a 10 annos.	1059	1037	585	393	421	440	859	520	462	543
De 11 a 20 » .	103	166	98	72	61	89	151	109	79	143
De 21 a 30 » .	181	209	130	103	122	114	124	118	132	133
De 31 a 40 » .	193	216	169	127	146	162	144	103	127	136
De 41 a 50 » .	158	142	134	89	109	128	129	132	144	125
De 51 a 60 » .	88	118	98	73	75	94	82	93	98	102
De 61 a 70 » .	70	59	66	49	51	63	75	64	85	45
De 71 a 80 » .	48	41	38	28	28	58	52	43	55	41
De 81 a 90 » .	24	14	23	15	27	30	31	16	33	34
De 91 a 100 » .	10	11	6	4	5	10	16	7	6	16
Sup.or a 100 » .	3	3	1	1	0	3	2	1	0	1
Total	1937	2016	1348	954	1045	1191	1675	1206	1221	1319

Fortaleza comparada com outras Cidades do Brasil quanto á Mortalidade

Cidades	*População*	*Anno*	*Coeffi. por 1000 habs.*
Fortaleza .	60000	1908	**21,9**
Capital Federal. .	824000	1907	19,47
S. Paulo . . .	300000	1907	19,20
Bahia	265000	1907	18,50
Recife	186000	1907	40,12
Belem	177000	1906	20,29
Porto Alegre. . .	100000	1907	28,55
Curityba	58600	1908	14,14
Santos	50000	1907	29,62
Manaos	52000	1907	27,45
Florianopolis . .	35000	1907	24,06
Bello Horizonte. .	18000	1907	23,50
Aracaju	17000	1905	23,60
Natal	16000	1904	77,10

Fortaleza comparada com Cidades do Extrangeiro quanto á Mortalidade

Cidades	*População*	*Anno*	*Coeffi. por 1000 habs.*
Fortaleza .	60000	1908	**21,9**
Bombaim	977822	1907	39,6
Calcutá	848000	»	37,6
Cairo	677000	»	37,7
Madrasta	542000	»	40,5
Alexandria . . .	376000	»	35,1
Londres	4758000	»	18,5
New-York. . . .	4286000	»	18,5
Paris	2735165	»	17,6
Buenos Aires . .	1130000	»	16,4
Montevideo . . .	310006	»	16,1
Bruxellas	623000	»	13,7
Trieste	201000	»	26,3

NUPCIALIDADE, NATALIDADE E MORTALIDADE NO ESTADO DO CEARÁ
EM ANNOS DIVERSOS

	1853	*1854*	*1855*	*1856*	*1857*	*1858*	*1859*
Nascimentos.	18762	19643	22363	21981	22241	23512	22403
Casamentos .	3318	3417	4032	3660	3851	3937	3767
Obitos. . .			5455	6068	5873	7133	6172

	1860	*1893*	*1894*	*1895*	*1899*	*1900*	*1901*
Nascimentos.	23847	39591	42220	40920	36039	34666	28314
Casamentos .	4002	6908	6757	6130	3271	3247	3307
Obitos. . .	6755	7650	7952	7182	6718	9012	7740

	1902	*1903*	*1904*	*1905*	*1906*	*1907*	*1908*
Nascimentos.	32291	34647	32021	33434	35842	40052	39753
Casamentos .	5835	5983	5048	6647	8119	8418	7029
Obitos. . .	5017	5828	6038	6510	5797	6424	9169